

## PROPOSTA PEDAGÓGICAS NA ALDEIA PATAXÓ

Ariane Nascimento da Conceição

### Aldeia Pataxó de Corumbauzinho

### Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho

#### 1. Jogos Indígenas de Corumbauzinho



Objetivo:

- trabalhar a diversidade da etnia Pataxó.

Os jogos são: Patiw Miukay, Zarabatana, Corrida de Tora, Cabo de Guerra, Arremesso de Takape, Arco e Flecha, Corrida rústica.

Exposições de artesanatos, pinturas corporais, danças indígenas, ritual pataxó, comidas típicas, exposições de livros e autores indígenas entre diversas outras ideias.

#### 2. Intercâmbio Estudantil do ãGaypihi ug Akuã (Trocar e Conhecer).



Objetivos:

- apresentar a cultura indígena nas escolas não indígenas e nas universidades Estaduais e Federais, entre outros espaços;

- garantir que todos possam ensinar e aprender. Tendo a convivência com pessoas de culturas diferentes;

- atrair parentes e não indígenas para trocas de experiências.

### 3. As noites culturais



#### Objetivos:

- incentivar os alunos a conhecer outras culturas, através das apresentações;
- convidar escolas indígenas e não indígenas com o tema de cada unidade;
- apresentar danças, poemas, artes visuais, desfiles indígenas e não indígenas, com temas sustentáveis, canções de todos os tipos.

#### Breve Histórico:

Os Pataxó vivem em diversas aldeias no extremo sul do estado da Bahia e norte de Minas Gerais. Há evidências de que a aldeia de Barra Velha existe há quase dois séculos e meio, isto é, desde 1767. Em geral, já estávamos em contato com os não indígenas desde o século XVI e muitas vezes fomos obrigados a esconder nossos costumes. Na atualidade nos esforçamos para avivar nossa língua, a *Patxohã*, inclusive através de rituais "dos antigos" como o *Awê*.

*Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar.*

#### Registros Sobre Práticas de leitura ancestral

Nós praticamos a leitura no nosso dia a dia... para aprendermos a ler e escrever, nós povos indígenas temos um modo de leitura ancestral, é importante termos cadernos, lápis, canetas, livros e inventaram uma coisa, que para muitos é uma descoberta ainda, “a internet” !!!

Precisa-se entender que a leitura vai além de outros mundos, que a maioria não aprendeu a entender ainda... que esses mundos invisíveis são os mundos que só o espírito antigo consegue entender e que às vezes esse espírito antigo está adormecido e tentando entender o ponto de vista do saber ancestral, entender o seu chamado.

Nesses tempos são tempos de encontrarmos as almas irmãs, aquelas que ficaram por muitos tempos sem vozes, aquela voz do irmão acolhedor, que entre tempos e outros já se conhecia carnalmente, mas que nunca tiveram um tempinho para se conhecer e quando se sentaram para conversar, um disse para o outro:

- Eu consigo capturar sua energia, eu consigo te entender, somos jovens nesses corpos, mas nossos espíritos conseguem se ver, eu te vejo!!!

A frase “eu te vejo” significa que eu consigo te enxergar, mesmo sem te conhecer, só através da sua energia positiva eu consigo te amar, como irmão que andou, caminhou, por muitos lugares e iremos reescrever as nossas memórias, as nossas histórias antigas e novas.

É através das nossas energias, do saber entender o que o vento nos traz, o que a água nos diz, o que a mata nos avisa, o que os animais e tudo aquilo que pulsa vêm nos dizer... de aviso, para nos cuidar, cuidar do outro e do nós.



Ariane Nascimento da Conceição, cujo nome indígena é *Āwānuk* e que significa uma semente qualquer, pertence ao Povo Pataxó e é moradora da aldeia *Córrego da Cassiana*, terra indígena de Barra Velha, na Bahia. Estuda no Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus Porto Seguro. Tem Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática.

O texto de sua autoria foi originado num dos seus momentos na Formação de Agentes Indígenas de Leitura, durante a realização da primeira Feira Literária dos Povos Indígenas da Bahia - FLIPIB, o projeto foi realizado pela ARUANÃ - Associação para Recursos Ambientais e Artísticos, com apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc.

Ela comentou que quando em plena pandemia bateu forte saudade de conversar com seus parentes. Foi visitá-los seguindo os protocolos de saúde e ao reencontrá-los teve um belo e inspirador diálogo. Ela também informa que tem compreendido que os povos indígenas tiveram que se adequar às tecnologias e a outros mundos (modos) para conquistarem espaço e visibilidade nas redes sociais e que enquanto professora teve que se esforçar bastante para cumprir essa nobre função.